

NEW DEAL

* Roberto Rodrigues

Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll
Uns dias chove, noutros dias bate o sol
Mas o que eu quero é lhe dizer
Que a coisa Aqui tá preta
(Meu caro amigo, Chico Buarque)

Quando assumiu a presidência dos Estados Unidos em março de 1933, Roosevelt fez um discurso, conclamando os americanos a uma grande união nacional em torno de princípios e valores que permitissem tirar o país da difícil situação econômica e social em que estava mergulhado.

Alguns parágrafos foram até emocionantes, como este, livremente interpretado:

- “Somente um otimista completamente idiota não reconhece a difícil situação política e econômica em que nos encontramos. É chegada a hora de submetermos os responsáveis por isso ao severo julgamento da opinião pública; falando a verdade pura e clara sem malícia ou segunda intenção. Convocando todos, para num longo esforço coletivo, com muito sacrifício, botarmos a casa em ordem...”

Ou este outro:

- “É preciso restaurar a verdade e o bom caráter. A medida dessa restauração é baseada nos valores sociais, muito mais nobres que o mero lucro financeiro. A felicidade não está apenas na posse do dinheiro, mas no prazer da conquista com o esforço criativo, e a alegria do estímulo moral do trabalho não pode ser esquecido na busca pelo lucro”.

E mais este:

- “A principal tarefa do momento é criar condições de pleno emprego. Esse problema precisa ser enfrentado com inteligência e determinação; até mesmo, se for preciso, com o complemento temporário do próprio governo - como se fosse uma emergência de guerra”.

Logo em seguida lançou o New Deal, uma estratégia baseada no fortalecimento da agricultura e, em 6 anos, de 1933 a 1939, os Estados Unidos se transformaram na maior economia do mundo.

Vivemos hoje no Brasil um clima parecido com aquele tempo na América do Norte.

Assistir a noticiários pela televisão, ouvir as últimas pelo rádio, ler os jornais, são todos exercícios que vão intimidando a gente. É muita coisa ruim, dando a impressão de que estamos sem rumo. O pior é o aumento da inflação e do desemprego, porque ambos afetam duramente as camadas mais pobres, exatamente aquelas que ascenderam ao mercado consumidor e de trabalho nos últimos anos graças, inclusive, a políticas sociais estabelecidas pelo governo que surfava uma onda positiva da economia mundial, especialmente com bons

preços das commodities. Depois de 2010, com a crise financeira internacional e os erros de política econômica do novo governo, tudo se complicou.

Na política as coisas também se desarranjam, partidos perdem a unidade de posturas porque seus representantes buscam atendimento a interesses regionais ou pessoais que não chegam, base aliada não está alinhada (sem jogo de palavras), oposição também não se entende, e uma confusão geral imobiliza quem busca alicerces sólidos para investir.

Crises externas só pioram o ambiente - caso recente da Grécia frente à UE e ao euro, ou da queda das ações na China - e no palco econômico/político nacional se movem, mesclados, interesses legítimos em defesa do país e outros menores, de jogadas oportunistas ou golpistas do governo e da oposição.

Sem falar na corrupção alarmante, que vai da FIFA à Petrobras, assombrando toda gente pela extensão e profundidade.

E ainda por cima a seleção de Dunga apanha do Paraguai e da Colômbia, sem contemplação. E o Inter é desclassificado da Libertadores pelo Tigre mexicano...

Clima péssimo... Mas, será mesmo?

Vejamos as coisas pelo lado positivo. Afinal, a agropecuária continua segurando a economia: no primeiro trimestre, o PIB nacional caiu, e o do agro aumentou mais de 4%, repetindo o que aconteceu no ano passado e no outro e no outro. O saldo comercial do agronegócio foi de mais de 80 bilhões de dólares em 2014, salvando o país de um fracasso rotundo nesta área. Vamos estabelecer mais um recorde de produção de grãos este ano, chegando a 206 milhões de toneladas! E tudo indica que nossos heróicos agricultores vão plantar outra safra gigante, dependendo a colheita mais de São Pedro e da liberação dos recursos do bom Plano de Safra.

O Plano ABC, que precisa ser revisado este ano, por lei, é um trunfo espetacular para o Brasil mostrar em Paris em dezembro, durante a COP21, na qual os países do mundo todo se comprometerão a reduzir o crescimento das emissões de gases de efeito estufa. O ajuste fiscal vai lentamente sendo implementado, mesmo com as dificuldades que os partidos da base do governo e da oposição vivem criando.

A presidente, fora alguns escorregões discursivos, parece ter se conformado com a necessidade de corrigir os erros cometidos no primeiro mandato e vai aceitando a dura travessia desenhada por Levy e Barbosa. Nossa Ministra da Agricultura sabe o que faz, e, em parceria com o titular do MDIC, busca aberturas comerciais essenciais, e vai conseguindo. E as instituições estão firmes...

Portanto, nem tudo está tão péssimo. E mais uma vez o setor rural vai mostrar que sabe construir o progresso e o desenvolvimento com grandeza, baseados em tecnologia moderna e gestão sofisticada. Na hora certa, vamos semear de novo, mesmo sabendo que 2016 será um ano de margens apertadas por causa dos custos elevados e preços caindo. Com trabalho e perseverança, vamos continuar a fazer nosso próprio e difícil ajuste, vamos mostrar como se constrói uma sociedade equilibrada a partir do campo. Nada de otimismo infantil e desligado da realidade. Mas também nada de pessimismo imobilizador...

Temos que fazer um New Deal brasileiro.
Em seu discurso de posse, Roosevelt disse: “não há nada a temer, a não ser o próprio medo”.
Vamos sem temor enfrentar as dificuldades e vencê-las: toda crise traz oportunidades e temos que embarcar nelas.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da
FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**